

Os desafios da tradução de textos “agrônômicos” latinos

Matheus Trevizam*

RESUMO: Neste artigo, exploramos alguns desafios envolvidos na tradução de textos agrários romanos. Tais desafios correspondem a transpor, para a língua de chegada, as especificidades da linguagem, léxico e estilo dos “agrônomos”. O modo de análise correspondeu a um breve exame do léxico e do estilo em obras como o *De agri cultura*, de Catão, e o *De re rustica*, de Varrão, por vezes em cotejo com os mesmos aspectos encontrados nas *Geórgicas*. Enfim, entendemos que, apesar das particularidades encontráveis nesses tratados de “agronomia”, as preocupações com a forma e o conteúdo têm de integrar, como na tradução de outros tipos de textos, os horizontes de seus tradutores.

Palavras-chave: literatura agrônômica; tradução; desafios; Catão; Varrão.

ABSTRACT: In this article, we explore some of the challenges involved in translating Roman agrarian texts. These challenges correspond to translating into the target language the specificities of the language, lexicon and style of the “agronomists”. The analysis mode corresponded to a brief examination of the lexicon and the style in works such as Cato’s *De agri cultura* and Varro’s *De re rustica*, sometimes in comparison with the same aspects found in the *Georgics*. At last, we infer that, despite the particularities found in these “agronomical” treatises, the concerns about form and content have to integrate, as in the translation of other types of texts, the horizons of their translators.

Keywords: agronomical literature; translation; challenges; Cato; Varro.

Introdução

Comentar os fatores envolvidos na tradução de textos técnico-agrários latinos requer primeiro destacar alguns traços atinentes, de maneira geral, à própria caracterização dessas obras. De início, diga-se que dispomos, em um campo como os escritos sobre a agricultura, de razoável *corpus* em língua latina, recobrando, também, um período mais ou menos vasto da Antiguidade. Esse fato, por si só, indica a importância das atividades agrícolas em uma sociedade como a romana, que permaneceu por séculos aferrada à ideia da dignidade da forma produtiva em questão e, ainda, a desdobramentos econômicos em nexos com tal universo (ANDREAU, 2010, p. 89).

A mais antiga obra agrária da literatura latina se identifica com o *De agri cultura* de Catão, dito o Censor, o qual foi composto em meados do século II a.C. Esse texto se reveste de grande importância não só para estudiosos da economia ou história antigas –

*Mestre e Doutor em Linguística pela IEL-UNICAMP (Letras clássicas/Latim). Professor associado II de Língua e Literatura latina na Faculdade de Letras da UFMG.

com sua profusão de dados a respeito da produção e comércio de itens rústicos, sobre a vida dos escravos nas “fazendas”, sobre as relações entre senhores e cativos em Roma etc. –, mas também para os filólogos, pois corresponde para nós ao mais recuado exemplo de uma obra literária escrita em prosa no idioma do Lácio. O estilo desse manual é arcaico, incisivo e despido de elaborações sem vínculo com o pragmatismo (MARMORALE, 1949, pp. 184-185); falta à composição o senso de ordenamento completo na junção das partes, apesar das tentativas de alguns filólogos de atribuírem algum sentido à sucessão dos capítulos:

Os modernos destacaram a incoerência do todo; contudo, alguma intenção de ordenamento aparece com clareza. Catão talvez tenha hesitado, primeiro, entre dois princípios, a ordem cronológica, impossível de aplicação ao todo e seguida, bem ou mal, do capítulo 23 ao 53, e o agrupamento por temas, esboçado no restante da obra. (...) Certo número de capítulos não se juntou a seu grupo: por exemplo, 102 e 103 estão longe do grupo 70 a 73; (...) alguns capítulos ficam à deriva: 124; 135; 136-137; 159; 160; 162.¹

Sequencialmente, anos antes da feitura das *Geórgicas* de Virgílio – publicadas em 29 a.C. –, que têm Varrão como fonte, esse compusera seus três diálogos a respeito das coisas da terra, agrupados sob o título de *De re rustica* – “Das coisas do campo”. O primeiro diálogo do todo aborda a questão, essencialmente agrícola, do plantio de itens que vão de cereais a árvores e vinhas; o segundo recobre assuntos pecuários, desenvolvendo pontos em nexos com a criação de cavalos, bovinos, ovelhas, caprinos etc.; o terceiro livro focaliza o tema da *uillatica pastio*, ou criação de pequenos animais – aves, peixes, caracóis, lebres... – nas imediações da *uilla rustica*, ou “sede” das antigas propriedades rurais romanas. Diversamente do caráter, ainda, “experimental” do manual agrário de Catão, esse *De re rustica* varroniano assume, do ponto de vista genérico e compositivo, traços mais bem definidos e complexos. Com isso nos referimos, além da opção do autor pelo modelo consagrado da exposição de conteúdos através da forma do diálogo – que para nós remonta, no Ocidente, a Platão (UREÑA PRIETO, 2001, pp. 338-343) –, à mescla de elementos literários em clara afinidade com o universo cômico ao longo dos capítulos de *De re rustica*, como se dá, por exemplo, com o recurso aos *speaking names* [“nomes falantes/nomes (contextualmente) significativos”] para designar as personagens de *Vaccius* (*uacca* = “vaca” em latim) e *Equiculus* (*equus* = “cavalo”, no mesmo idioma), entre várias outras (TREVIZAM, 2013, pp. 99-100).

Ainda, faz-se ao menos necessário lembrar dois autores aos quais não dedicaremos comentários mais detidos na continuidade, mas que representam pontos de passagem obrigatória na história da literatura técnico-agrária romana. São eles Lúcio Júnio Moderato Columela, contemporâneo de Sêneca (séc. I d.C.), e Rutilio Tauro Emiliano Paládio (fins de séc. IV d.C.): o primeiro, desse modo, destaca-se porque é o autor da mais extensa obra agrícola (chamada, como a de Varrão, *De re rustica*) que a Antiguidade nos legou, abrangendo o total de doze livros e em cobertura a assuntos tão

¹ GOUJARD, 1975, p. XXXIV-XXXV: “Les modernes ont souligné l’incohérence de l’ensemble; cependant, une intention de mise en ordre apparaît nettement. Caton a peut-être hésité d’abord entre deux principes, l’ordre chronologique, inapplicable à l’ensemble, et suivi tant bien que mal du chapitre 23 à 53, et le groupement par matières, ébauché dans le reste de l’ouvrage. (...) Un certain nombre de chapitres n’ont pas rejoint leur groupe: par exemple, 102 et 103 sont éloignés du groupe 70 à 73; (...) des chapitres restent flottants: 124; 135; 136-137; 159; 160; 162”.

especializados, muitas vezes, quanto a agrimensura (livro V) e o cultivo de jardins (livro X). Paládio, por sua vez, fecha a série dos ditos “agrônomos” da Antiguidade, tendo escrito seu *Opus agriculturae* sob a curiosa forma de um “calendário” das tarefas cabíveis ao agricultor, ao longo do ano de trabalhos rústicos.²

1. Discussão

Em que pese ao considerável arco temporal e à variedade dessas obras e autores, mantêm-se, no conjunto de textos em jogo, alguns pontos recorrentes que permitem divisá-los como legítimos representantes dos escritos técnico-agrários latinos. Entre tais pontos, gostaríamos de destacar, primeiro, seu razoável nível de rigor expositivo: à diferença de um poema de fundo agrícola partilhado como as *Geórgicas* virgilianas, obras do tipo de *De agri cultura* – “Da agricultura” – (Catão) e *De re rustica* – “Das coisas do campo” – (Varrão) não fazem a escolha e abordagem apenas dos pontos mais “atrativos” para um público, como sucede, nem sempre desejoso de ler para “pôr em prática” os saberes adquiridos; por outro lado, além de não serem tão *seletivos* no aspecto da escolha dos assuntos, tais textos dos verdadeiros “agrônomos” romanos em geral optam pelo desenvolvimento com alguma *exaustividade* dos tópicos que os adentram.

Alexander Dalzell (1996, p. 107), então, lembra-nos da completa omissão, nas *Geórgicas*, de importantes temas que se vinculam à criação animal, como, no livro III do poema, as criações de burros e suínos, animais, reconhece, de grande utilidade e presença na vida rural antiga, apesar de seu caráter “inglório”. Isso, acrescentamos, não se dá em obras como o *De agri cultura* catoniano e os “diálogos da terra” de Varrão, pois o primeiro “agrônomo” menciona e preceitua sobre porcos e burros em vários trechos de sua obra, inclusive em contextos de ordem sacrificial – cap. CXXXIX – e médica – cap. CLVIII –; Varrão, por sua vez, dedica um capítulo exclusivamente aos suínos, em seu segundo diálogo – cap. IV –, e outro aos “mulos” (híbridos de uma égua e um asno), na mesma grande subdivisão de *De re rustica* – cap. VIII.

Aspectos construtivos vinculados à seletividade à parte, nota-se que, comparando as *Geórgicas* a obras como o *De agri cultura* de Catão e o *De re rustica* de Varrão, mesmo os tópicos abordados por *todas* essas obras – a exemplo, tipicamente, do cultivo das oliveiras – não recebem tratamento com a mesma tecnicidade no poema didático³, por um lado, e nos efetivos escritos “agronômicos”, por outro. Então, como registra Dalzell (1996, p. 107), se o cultivo das oliveiras, importantíssimo para a economia romana, é eliminado em seis versos (II, 420-425) no poema de Virgílio, logo

² Pronunciando-se, de forma comparativa, sobre os estilos de Columela e Paládio, nas obras aqui citadas, Armendáriz (1995, p. 32-33) observou: “El agrónomo de Gades quiso sin duda dar al tema objeto de su estudio carta de ciudadanía en la república de las letras; más adelante veremos cómo su lengua cuidada y elegante supondría un obstáculo para la difusión posterior de su obra. Plinio el Viejo y Paladio criticarán – con velada alusión a Columela – el uso de un estilo rebuscado cuando el tema y el destinatario de la obra requieren al contrario una exposición sencilla; y Casiodoro, en el umbral de la Edad media, recomendará a sus monjes iletrados la absoluta claridad (*planissima lucidatio*) de Paladio, frente a un Columela difícil, más adecuado para las gentes cultivadas que para los ignorantes”.

³ Uma crítica como Monica Gale (2005, p. 108), nesse sentido, focou em certo ensaio o caráter antes *reflexivo* que prático dos ensinamentos agrícolas virgilianos, quando se consideram as *Geórgicas*: “Like Hesiod’s agricultural precepts and Lucretius’ exposition of Epicurean physics, Virgil’s superficially practical advice serves as a vehicle for the exploration of broader concerns. Particularly important from this perspective are the emphasis laid on the need to impose order and control on unruly plant-growth and animal instinct (a theme whose ramifications on the political level become most obvious in Book 4, where Virgil deals with the ‘society’ of the beehive: Dahlmann 1954; Griffin 1979); on the relationship between humans and the gods; and on the farmer’s vulnerability to natural disasters such as the violent storm of 1.316–34 or the animal plague of 3.478–566”.

desperta a atenção do leitor a quantidade de capítulos que se relacionam a semelhante cultura na obra de Catão (o primeiro, o terceiro, o quinto, o sexto, o décimo, o vigésimo, o vigésimo sétimo, o vigésimo oitavo, o vigésimo nono...), pois, na verdade, o modelo econômico de interesse para esse “agrônomo” tinha em mira, sobretudo, o comércio lucrativo de produtos de origem arbórea – azeite e vinho – (ANDREAU, 2010, p. 87). Quanto ao *De re rustica* de Varrão, as oliveiras são tematizadas no texto, entre outros trechos, no capítulo XL do primeiro diálogo – quando se fala de sua reprodução –, nos de número XLVI, XLVII, LV – todo esse especificamente destinado ao assunto da colheita das azeitonas – etc.

Então, seja por serem menos seletivos que Virgílio geórgico, seja quando são, tantas vezes, mais exaustivos na abordagem técnica que esse autor em seu poema didático, textos como o supracitado *De agri cultura* – o mesmo valendo para o *De re rustica* de Varrão ou outros “tratados” antigos – acabam por confrontar o público com maior grau de detalhamento expositivo. O comentário de R. F. Thomas às *Geórgicas* (VIRGIL, 1994, p. 171) em certo ponto ressalta, quando se trata das variedades de azeitona citadas em II, 86 do mesmo poema:

86 *orchades... radii... pausia*: três tipos de azeitona, a primeira ovalada, do grego *orchádes*, também *órcheis* (com a raiz a significar ‘testículos’), a segunda alongada, de *radius*, ‘lançadeira’, a terceira (var. *posia, posea*) de um tipo que era colhido cedo, e então era amarga (*amara... baca*). Catão lista oito tipos, incluindo esses três (*Agr.* 6.1); Virgílio não está preocupado com ser exaustivo.⁴

Se o mesmo campo é sujeito a nevoeiros, rábano, rábão de cavalo, milho miúdo e milho-painço é o que é melhor plantar. Em solo rico e quente, a azeitona **de conserva**, a **de tipo alongado**, a **salentina**, a **orquita**, a **páusea**, a **sergiana**, a **colminiana** e a **branca**; dentre essas, planta principalmente a que nesse lugar disserem ser a melhor. Planta esse tipo de oliveira a cada vinte e cinco ou trinta pés.⁵

O que se evidencia, pela comparação dos dados apresentados por Thomas em relação a Virgílio e por Catão (inclusive no trecho adicionado abaixo, que desenvolve uma menção à obra catoniana *De agri cultura* – “Da agricultura” –, feita pelo crítico), é que a literatura técnico-agrária antiga, em sua variedade mais estrita, prima pela minúcia dos assuntos cuja abordagem os autores escolhem fazer. Isso se dá de um modo bastante visível, é notório, justo pela incorporação de um *espectro lexical* razoavelmente extenso em tais textos (DE MEO, 1986, pp. 56-58), pois a tecnicidade de sua natureza não pode prescindir de dar os verdadeiros nomes às coisas: na verdade, frutos/azeitonas dotadas de nomes distintos também indicavam, no mundo antigo, produtos diferentes em termos

⁴ VIRGIL, 1994, p. 171: “86 *orchades... radii... pausia*: three types of olive, the first oval-shaped, from Greek *orchádes*, also *órcheis* (root meaning ‘testicles’), the second elongated, from *radius*, ‘shuttle’, the third (var. *posia, posea*) a type which was picked early, and hence was bitter (*amara... baca*). Cato lists eight types, including these three (*Agr.* 6.1); V. is not concerned to be exhaustive”.

⁵ CATÃO, *Agr.* VI: *Idem ager si nebulosus est, rapa, raphanos, milium, panicum, id maxime seri oportet. In agro crasso et caldo oleam conditiuam, radium maiorem, Sallentinam, orcitem, poseam, Sergianam, Colminianam, albicerem, quam earum in iis locis optimam dicent esse, eam maxime serito. Hoc genus oleae in XXV aut in XXX pedes conserito* (grifos do autor do artigo; esta e todas as outras traduções de latim no artigo são de responsabilidade de seu autor).

de seu sabor, comportamento nas fases de cultivo⁶ e potencial para extração do azeite. Então, a discriminação mais precisa dos nomes botânicos em uma obra com fortes características de instrução prática como *De agri cultura* assume função vital, tendo em vista a necessidade de os agricultores que se identificavam com o público desse texto reconhecerem muito bem, de todas as formas possíveis, com quais tipos de plantas estavam lidando, a fim de bem poderem cultivá-las de acordo com suas expectativas.

Mais exemplos vinculados à riqueza do léxico botânico, como encontrável no “tratado” catoniano ou em outras obras afins, poderiam ser dados. O mesmo Thomas (VIRGIL, 1994, p. 171), ainda, quando relata a menção a meras três variedades de peras pelo Virgílio de *Geórgicas* II, 88 – *Crustumii Syriisque piris grauibisque uolemis* [(para) as peras de Crustumério, as sírias e as pesadas volemas] –, de novo evoca um exemplo oriundo do *De agri cultura* para dizer que “Catão lista cinco, apenas a volema vindo a coincidir com as de Virgílio”,⁷ como notamos pelo excerto abaixo:

[Planta ou enxerta estes] frutos: maçãs estrúteas, marmelos escancianos e quirinianos, bem como outros bons para conserva – maçãs suculentas e púnicas (é preciso jogar urina de porco ou esterco nas raízes para servirem de alimento às árvores frutíferas), **peras volemas, sementivas anicianas** (esses frutos de conserva serão bons em vinho reduzido), **tarentinas, suculentas e em formato de abóbora** –, e **quantas variedades a mais for possível**; azeitonas orquitas e páuseas, que são muito bem conservadas verdes em salmoura ou esmagadas em lentisco, (...).⁸

Ainda que Varrão, de fato, não privilegie esse aspecto de discriminar os tipos de peras nas poucas menções ao assunto que encontramos em todo o *De re rustica* – livro I, 40; 49 e livro III, 16 –, os dados apresentados por Thomas no último trecho citado de seu comentário às *Geórgicas* deixam-nos cientes de que, em *Naturalis Historia* – “História Natural” – (XV, 53-56), Plínio, o Velho, mencionou mais de *trinta variedades* do fruto, contudo tendendo a considerar as de Crustumério, as de Falerno e as sírias como as melhores. Não reside, porém, a dificuldade tradutória do vocabulário “agronômico” latino apenas em se empregarem muitos nomes diferentes para os itens produzidos pela terra – o que, por exemplo, poderia levar à necessidade de apor nota explicativa para esclarecer que um neologismo como “pera *volema*” designa, no vernáculo, certa variedade de tamanho grande (SARAIVA, 1993, p. 1288) –, mas também na incorporação a ele de termos triviais, em contextos que lhes conferem significados extremamente precisos.

A esse respeito, basta evocar palavras como *oculus, -i* (“olho” = tubérculo de certas raízes; DE MEO, 1986, p. 55), *flagellum, -i* (= “videira nova”) e *capreolus, -i* (“gavinha”), citadas por Catão e/ou Varrão, em suas respectivas obras agrícolas:

⁶ CATÃO, *Agr.* VI: *Qui ager frigidior et macrior erit, ibi oleam Licinianam seri oportet. Si in loco crasso aut calido seueris, hostus nequam erit et ferundo arbor peribit et muscus ruber molestus erit.* – “Em campo mais frio e menos rico, é preciso que se plante a oliveira liciniana. Se a plantares em terreno rico ou quente, o resultado da prensagem será ruim, a árvore vai arruinar-se ao produzir e o musgo vermelho será danoso”.

⁷ VIRGIL, 1994, p. 173: “Cato lists five, only the *uolema* coinciding with V.’s”.

⁸ CATÃO, *Agr.* VII: *Poma, mala strutea, cotonea Scantiana, Quiriniana, item alia conditiua, mala mustea et Punica (eo lotium suillum aut stercus ad radicem addere oportet, uti pabulum malorum fiat), pira uolaema, Aniciana sementiua (haec conditiua in sapa bona erunt), Tarentina, mustea, cucurbitiua, item alia genera quam plurima serito aut inserito. Oleas orcites, posias; eae optime conduntur uel uiri des in muria uel in lentisco contusae, (...).*

Referindo-se ao mesmo autor [Catão], acrescenta: ‘Se houver um lugar úmido, devem-se plantar nele ramos de choupo e um canavial. Que seja lavrado com um alvião, os **olhos** das canas sejam introduzidos a cada três pés... o mesmo modo de cultivo é apropriado a ambos. É preciso que o salgueiro grego seja plantado em torno do canavial, para que haja com que a videira possa ser atada’.⁹

Pois um sarmento fino é estéril por sua debilidade e não pode dar origem a uma videira, chamada de *flagellum* quando nova e de *palma* quando adulta e já deu uvas. (...) Por outro lado, produz **gavinhas**, que são brotos retorcidos de videira, como um caracol dos cabelos. Elas são aquilo com que a videira se segura por onde serpeia para fixar-se.¹⁰

Ora, assim como *oculus* assume, no contexto, um sentido bem diferente daquele seu original (= “olho”), o mesmo ocorre com os termos *flagellum* (primeiro, nome de uma espécie de chicote cortante, ao bater) e *capreolus* (o qual designa, fora desse contexto, o cabrito montês, ou “camurça”). Em todos os casos, a linguagem cotidiana “emprestou” ao latim técnico significantes de que o jargão agrícola se apropria com razoável precisão e liberdade (DE MEO, 1986, pp. 54-56), mas muitas vezes metaforizando a partir de semelhanças entre a forma do antigo referente e a do novo. Note-se, então, que *capreolus*, além de “gavinha” em contexto botânico, indica também um tipo de ferramenta agrícola cujo formato, por se tratar de uma enxada bidente com aspecto aproximável dos chifres do cabrito montês (GAFFIOT, 1934, p. 261), evocava a espécie animal aludida (*caper* = “bode”, “cabrão”). Em pontos assim, mesmo que o tradutor esteja ciente da troca contextual (e técnica) de significados por tais significantes, cabe-lhe ainda encontrar os termos apropriados em nosso idioma para “corresponder-lhes” no texto da língua de chegada, o que, em certas circunstâncias, demandaria inclusive saberes um pouco mais especializados a respeito do léxico agrícola em língua portuguesa.

No âmbito lexical, contudo, talvez o maior desafio para o tradutor dos “agrônomos” latinos não esteja em designar com palavras modernas realidades ou objetos que ainda coexistem em nosso mundo, mas, sobretudo, em ter de fazê-lo para outros marcadamente associáveis à *experiência do homem antigo*, não necessariamente a nossa própria. O complexo caso da terminologia dos vasos recipientes, aos quais já se dedicaram, inclusive, várias publicações especializadas (FUNARI, 2000, pp. 106-115), pode servir-nos para exemplificar esse tipo de problema: referimo-nos, aqui, a vocábulos como *amphora*, *cadus*,¹¹ *dolium*, *orca* etc., muitas vezes encontrados em textos “agrônômicos” antigos como o *De agri cultura* e o *De re rustica* mas, nem sempre, tão facilmente traduzíveis ou associáveis a um formato/uso para o homem moderno:

⁹ VARRÃO, R. I, 24: *Ille adicit ab eodem scriptore, si locus umectus sit, ibi cacumina populorum serenda et harundinetum. Id prius bipalio uerti, ibi oculos harundinis pedes ternos alium ab alio seri, ... aptam esse utriusque eandem fere culturam. Salicem Graecam circum harundinetum seri oportere, uti sit qui uitis alligari possit* (em citação de CATÃO, Agr. VI).

¹⁰ VARRÃO, R. I, 31: *Eiuncidum enim sarmentum propter infirmitatem sterile neque ex se potest eicere uitem, quam uocant minorem flagellum, maiorem et iam unde uuae nascuntur palmam. (...) Ex altera parte parit capreolum. Is est coliculus uiteus intortus, ut cincinnus. Hi sunt enim uitis quibus teneat id quo serpit ad locum capiendum.*

¹¹ PLÍNIO, *Naturalis Historia* XVII, 56.

Quanto aos instrumentos restantes, os ‘mudos’, em que se incluem cestinhos, *dolia* e outros semelhantes, é preciso recomendar o seguinte: que não se compre nada do que puder nascer na propriedade e ser feito pelos de casa, como, em geral, o que se faz de vime e madeira bruta (...).¹²

Então, uma sede era elogiada se tinha uma boa cozinha rústica, currais espaçosos, uma adega e um depósito de azeite proporcionais ao tamanho do campo e com o piso inclinado para um tanque, pois com frequência, quando o vinho novo foi guardado, romperam-se *orcae* na Espanha e *dolia* na Itália pela fermentação do mosto.¹³

Sobre *dolium*, que acima apresentamos inserido em traduções do *De re rustica* de Varrão, mas que também é frequente no *De agri cultura* catoniano, Funari (2000, p. 107) esclarece ser um recipiente “sem asas” e com “boca estreita em relação ao corpo”; ademais, não se destinava ao transporte de itens alimentares, mas sim a guardá-los como “objeto fixo”. Por sua vez, o termo *orca* foi explicado, pelo mesmo teórico, como um “vaso de grandes dimensões e com funções similares à do *dolium*, mas provavelmente distinto desse pela forma”; tratava-se, ainda, segundo se lê em Horácio, *Sátiras* II, 4, 65-66, de um recipiente empregado para conservar produtos em salmoura (FUNARI, 2000, p. 108).

Longe estamos, no século XXI e vivendo em um país naturalmente tão distinto da Europa quanto o Brasil, do conhecimento e uso cotidiano de tais objetos, o que nos autoriza, cremos, a evitar traduzir palavras semelhantes, encontráveis nos textos dos “agrônomos” romanos, a fim de não causar sua banalização por soluções como “talha (para azeite ou vinho)” ou “tonel”. De certo modo, aproximamo-nos aqui da problemática discutida por Paulo Rónai (2012, pp. 16-17), o qual, defendendo a ideia da relativa “intraduzibilidade” dos idiomas, apresenta uma noção como a das “holófrases” – conceitos que só têm designação dentro de um único idioma – e explica que, em muitos casos semelhantes, “o tradutor aí nem tenta a tradução; sabendo de antemão que não existe equivalente perfeito, resigna-se a manter o termo primitivo, valendo-se das muletas do grifo, das aspas ou das notas de pé de página”.

Também Umberto Eco (2006b, p. 125), embora se pronuncie a respeito das dificuldades tradutórias que se colocam diante de uma obra de outra natureza,¹⁴ ressaltou as aporias oriundas da necessidade de “passagem”, de um idioma a outro, de palavras inseridas em domínios lexicais (como a botânica), ao mesmo tempo, ricos, especializados e idiossincraticamente vinculados a certas línguas, culturas e paisagens:

Taylor (1993) analisa com minúcia a tradução d’*O Nome da Rosa* de Weaver, que procura propor equivalentes adaptados para listas de plantas como *la viola, il citiso, il giglio, il ligustro, il narciso, la colocasia, l’accento, il malobatro, la mirra e gli opobalsami*. Nenhuma dificuldade para encontrar *violet, lily, narcissus, acanthus, e myrrh*. (...) O drama

¹² VARRÃO, R. I, 22: *De reliquo instrumento muto, in quo sunt corbulae, dolia, sic alia, haec praecipienda. Quae nasci in fundo ac fieri a domesticis poterunt, eorum nequid ematur, ut fere sunt quae ex uiminibus et materia rustica fiunt* (...).

¹³ VARRÃO, R. I, 13: *Illuc laudabatur uilla, si habebat culinam rusticam bonam, praesepeis laxas, cellam uinariam et oleariam ad modum agri aptam et pauimento procliui in lacum, quod saepe, ubi conditum nouum uinum, orcae in Hispania feruore musti ruptae neque non dolea in Italia*.

¹⁴ O teórico italiano escreve, no caso de nossa referência, sobre os percalços de certa tradução para o inglês de seu conhecido romance, *O Nome da Rosa* (1980).

começa com *il citiso* [o codeço] e *la colocasia* [a colocásia], para os quais não há nenhum termo inglês correspondente. Weaver escapa do embaraço traduzindo *citiso* por *cystus*, que mantém a raiz latina e o sabor botânico, e *colocasia* por *taro*, que é um pouco mais genérico, mas, segundo Taylor, correto, mesmo ao se perderem as belas sonoridades da palavra italiana.¹⁵

A principal “lição” a tirar de impasses “holofrásticos” como os que mencionamos, ou daqueles supracitados por Eco, é que, independentemente das saídas buscadas por cada tradutor (adaptações, manutenção do termo problemático na língua original, seu apagamento ou substituição etc.), o espectro conceitual de diferentes idiomas, nos mais variados domínios, dificilmente se equivale com total êxito, devido a “lacunas” em um dado sistema linguístico ou por divergências no “recorte” do mundo pelas palavras.¹⁶ Isso nos leva a endossar, com o supracitado Rónai (2012, pp. 16-17), a inescapável falibilidade do ofício tradutório, apesar de seu afã de “precisão” ou “fidelidade”.

Antes de finalizarmos esta discussão, importa considerar que obras como o *De agri cultura* catoniano e o *De re rustica* de Varrão também são dotadas de traços linguísticos, ou de estilo, que as individualizam e tornam produtos literários peculiarmente estruturados de acordo com as preferências de seus autores. Isso demanda, por vezes, esforços do tradutor, ou até do leitor, para adaptar-se a padrões expressivos que não seriam tão comuns mesmo no restante da prosa literária latina e, no caso de quem traduz, algum empenho para recuperar efeitos associáveis ao estilo de cada “agrônomo”, no texto produzido em língua de chegada. A maior ou menor habilidade do tradutor para essa última tarefa, no limite, determinaria a própria qualidade do texto obtido na língua de chegada, em sua dimensão evocativa (ou não) da tessitura linguística/estilística do original:

De fato, trata-se de implantar em francês o caráter “fragmentado” da sintaxe latina, de introduzir as rejeições, as inversões, os deslocamentos etc. do latim que permitem o jogo de palavras no dizer épico, mas sem por isso reproduzir ingênuamente e servilmente rejeições, inversões, deslocamentos do original; sem copiá-los “tais quais”. A diferença é considerável: *o que é “traduzido” é o sistema global das inversões, rejeições, deslocamentos, e não suas distribuições factuais ao longo dos versos da Eneida*. Por isso

¹⁵ ECO, 2006b, p. 125: “Taylor (1993) analyse avec minutie la traduction du *Nom de la Rose* de Weaver qui cherche à proposer des équivalents adaptés pour des listes de plantes comme *la viola, il citiso, il giglio, il ligustro, il narciso, la colocasia, l’acanto, il malobatro, la mirra* et *gli opobalsami*. Aucune difficulté pour trouver *violet, lily, narcissus, acanthus, et myrrh*. (...) Le drame commence avec *il citiso* [le cytise] et *la colocasia* [la colocase], pour lesquels il n’existe aucun terme anglais correspondant. Weaver se tire d’embarras en traduisant *citiso* par *cystus*, qui garde la racine latine et la saveur botanique, et *colocasia* par *taro*, qui est un peu plus générique, mais, selon Taylor, correct, même si l’on perd les belles sonorités du mot italien”.

¹⁶ ECO, 2006a, p. 454 e 455-456: “*Flavae*, chez Virgile, sont la chevelure de la blonde Didon, et les feuilles d’olivier; et rappelons-le, on disait le Tibre *flavus*, à cause de sa couleur boueuse. Tibre, feuilles d’olivier et chevelure de Didon: le lecteur moderne commence à éprouver un certain malaise. (...) La façon de distinguer, segmenter, organiser les couleurs varie de culture à culture. Même si on a discerné des constantes transculturelles, il semble difficile de traduire les termes de couleur entre langues éloignées dans le temps ou appartenant à des civilisations différentes, et il a été observé que le sens du terme couleur est l’un des pires embrouillaminis de l’histoire de la science”.

Ibant obscuri sola sub nocte

torna-se

Ils allaient obscurs sous la désolée nuit
[Iam obscuros sob a desolada noite]

Há inversão do adjetivo tanto em francês quanto em latim, *mas o lugar da inversão no verso foi mudado* – de forma que o francês possa aceitá-la. Este é o ponto essencial: procurar na frase francesa as malhas, os buracos por onde ela pode acolher – sem *demasiada* violência, sem se rasgar *demasiado* (mas rasgando-se *mesmo assim*, o que não agrada a Hugo) – a estrutura da frase latina. Colocar “desolée” [desolada] antes de “sous” [sob], o francês recusa; mas colocá-lo antes de “nuit” [noite], ele o aceita: eis um ponto “flexível”, um ponto de acolhimento, uma *estrutura não normatizada do francês*.¹⁷

No excerto acima, justamente, Antoine Berman (2007, p. 121) se ocupa de desvendar os mecanismos envolvidos na tradução para o francês da *Eneida* virgiliana por Pierre Klossowski (1964), considerando-a, pelos motivos que expõe, mais bem sucedida que outras diante da tarefa de “recriar” a tessitura frasal do poeta antigo no idioma moderno em jogo. Tomando como língua de chegada o francês, o português ou qualquer outro idioma moderno, então, uma importante tarefa para o consciencioso tradutor de textos antigos (inclusive épicos ou técnicos) consiste em procurar alguma “recriação” de efeitos como os hipérbatos/inversões de termos sintáticos, as repetições e a sintaxe, por vezes, entrecortada, mesmo que se trate de recursos não tão bem-vindos em outros contextos de uso da escrita no(s) vernáculo(s).

Tornando aos traços de Catão, caracteriza-o, do ponto de vista gramatical (ou linguístico), sobretudo o arcaísmo, como convém a um autor ainda prévio à plena decodificação dos parâmetros expressivos clássicos em latim, o que apenas veio a dar-se, sabemos, ao longo do século I a.C.¹⁸ Ocorrem, então, especificidades nos planos fonológico (vocalismo em “a”: *decarpere* por *decerpere* – cap. CXII; *aspargere* por *aspergere* – cap. CXXX), morfológico (emprego de formas depois desusadas dos verbos, como os infinitivos em *-ier* – *opturariet* por *opturari* – cap. CLIV), sintático (parataxe, empregos preposicionais depois abandonados, como *ergo* + genitivo – cap. CXXXII; *fini* + ablativo – cap. XXVIII) e mesmo ortográfico (*interkalo* por *intercalo* – cap. CL), nas quais poderíamos vislumbrar traços da língua arcaica catoniana (TILL, 1969, p. 16 *et seq.*).

O excerto abaixo de *De agri cultura*, por sua vez, há de permitir-nos ver alguns aspectos recorrentes das opções estilísticas de Catão:

Reparte o esterco assim: *leva* meia **parte** para a lavoura quando plantares a forragem e, se lá houver oliveiras, ao mesmo tempo *ablaqueia* e *põe* esterco; em seguida, *planta* a forragem. **Na época de maior necessidade,**

¹⁷ Grifos do autor da obra, Antoine Berman.

¹⁸ PALMER, 1988, p. 123: “Such was the language of elevated Latin prose towards the middle of the second century B.C., a blend of colloquial speech with the archaic forms of the religious *carmina* and the formulae of the law, embellished with native cosmetics, with the *lumina* of Greek rhetoric, and the flowers of contemporary poetic diction. It was this curious amalgam which during the course of the next century was refined into the language of classical prose”.

*põe a quarta parte em torno das oliveiras ablaqueadas e encobre o esterco com terra. Reserva a outra quarta parte para a pastagem e, na época de maior necessidade, quando o Favônio soprar, transporta-o durante a lua nova.*¹⁹

Aqui destacamos, sobretudo, o aspecto da reiteração vocabular – que se dá, tipicamente, com a palavra *partem*, sempre registrada no caso acusativo no original – e a manutenção de estruturas morfossintáticas, como se nota por ter o autor repetido nove vezes o uso de formas verbais flexionadas no imperativo futuro, várias em contextos de fim oracional. No todo, o pequeno capítulo catoniano transcrito dá a impressão de grande imediatismo na transmissão de comandos para agir e de uma incisiva concretude, com a direta menção a vários elementos materiais do mundo agrário antigo – a terra, as plantas, o esterco, a lua – sem nenhum embaraço, sempre por seus próprios nomes.

Quanto a Varrão, referimos brevemente que vários estudiosos têm destacado o caráter “inusitado” de sua prosa, misto de tecnicidade expressiva, alguma elaboração retórica e oralidade:

É que, menos naturalmente dotado que Cícero para o período e o ritmo oratório, ele se servia de um “estilo de notas” saídas tais quais, com suas elipses, suas abreviações e suas parataxes, de seu fichário. Por outro lado, essas notas em si eram redigidas no latim falado que, ao mesmo tempo em que guardava resquícios do vocabulário arcaico e fazia anunciar-se a evolução futura da língua, recorria a uma sintaxe particular, que não era a sintaxe clássica. Notemos ainda que Varrão professava expressamente o gosto pelas pequenas frases palpitantes que admirava em Hegésias, fundador da escola asiática. Com efeito, revela-se aqui e ali, na desorganização de sua escrita, um desejo de estilo artístico: ele procura certos efeitos de *concinnitas*, com homeoteleuto e quiasmo, insiste nos esforços de uma *uariatio* que evita as repetições, cultiva a personificação poética dos objetos inanimados.²⁰

Alguns dos meios expressivos considerados caracterizadores da coloquialidade no *De re rustica* (DE SAINT-DENIS, 1947, p. 144 *et seq.*) correspondem, por sua vez, às elipses de substantivos (*a quarta ad decimam*, s.-e. *horam* – II, 11); às redundâncias (*riuolo tenui* – III, 5); às silepses de número (*familia... si fessi* – I, 13); à facilidade de recorrência ao ablativo de “lugar onde”, não preposicionado (*monte Tagro = in monte*

¹⁹ CATÃO, *Agr. XXIX: Stercus diuidito sic. Partem dimidiam in segetem, ubi pabulum seras, inuehito, et si ibi olea erit, simul ablaqueato stercusque addito: postea pabulum serito. Partem quartam circum oleas ablaqueatas, quom maxime opus erit, addito terraque stercus operito. Alteram quartam partem in pratum reseruato idque, quom maxime opus erit, ubi fauonius flabit, euehito luna silenti* (grifos do autor do artigo).

²⁰ HEURGON, 2003, p. XLIX: “C’est que, moins doué naturellement que Cicéron pour la période et le nombre oratoire, il usait d’un ‘style de notes’ sorties telles quelles, avec leurs ellipses, leurs abréviations et leurs parataxes, de sa boîte à fiches. D’ailleurs ces notes elles-mêmes étaient rédigées dans le latin parlé qui, en même temps qu’y survivaient des traits de vocabulaire archaïque et que s’y annonçait l’évolution future de la langue, usait d’une syntaxe particulière qui n’était pas la syntaxe classique. Notons encore que Varron professait expressément le goût des courtes phrases sautillantes qu’il admirait chez Hégésias, fondateur de l’école asiatique. Et en effet se révèle çà et là dans l’inorganisation de son écriture une volonté de style artiste: il recherche certains effets de *concinnitas*, avec homoiotéleute et chiasme, poursuit un effort de *uariatio* qui évite les répétitions, cultive la personification poétique des objets inanimés”.

Tagro – II, 1); à frouxidão no emprego das regras da correlação dos tempos da gramática latina [*maxime institutum (est) ut castrantur equi*, em vez do “mais gramatical” *maxime institutum (est) ut castrarentur equi* – II, 7]; à substituição do gerundivo pelo gerúndio (*in supponendo oua*, em vez do “mais gramatical” *in supponendis ouis* – III, 9) etc.

No excerto abaixo, damos do mesmo *De re rustica* exemplos de peculiaridades construtivas, que aqui buscamos reproduzir em nossa língua:

Pois certos animais são danosos e letais às culturas, como esse a que te referiste há pouco, as cabras: elas estragam todas as plantas novas ao pastar, especialmente as videiras e oliveiras. Por isso, então, determinou-se por razões diferentes que uma vítima da espécie caprina **ao altar de uma divindade fosse levada e, junto ao altar de outra, não fosse imolada**, pois **uma** pelo mesmo ódio **não queria ver**; **a outra**, morrendo é que **queria ver**. Assim, deu-se que **para pai Líber**, descobridor da videira, **os bodes fossem imolados**, de modo a serem punidos com a pena de morte; contrariamente, que, **para Minerva, nada da espécie caprina imolassem** por causa da oliveira, pois dizem que se torna estéril aquela que estragou (...).²¹

Então, contrapondo o que acontece com os caprinos no tocante a seu sacrifício (ou não) diante dos respectivos deuses Líber/Baco e Minerva, Varrão não deixa de elaborar, a seu modo, o nível elocutório do texto. Note-se que as partes grifadas correspondem, no original, a trechos em que o homeoteleuto²² se faz presente {“fosse levada” – *adduceretur*; “(não) fosse imolada” – (*non sacrificaretur*)/“não queria ver” – *uidere nollet*; “morrendo [é que] queria ver” – *uidere pereuntem uellet*}; semelhante paralelismo sonoro em contexto final das orações assinaladas, ainda, encontra como que um reforço pelo uso dos pronomes correlativos (“de uma divindade” – *alii*²³ *dei*; “de outra” – *alii* / “uma” – *alter*; “a outra” – *alter*) que “demarcam” cada ocorrência da figura de linguagem em jogo.

Na sequência da mesma passagem varroniana, o cuidado construtivo continua, pois se deve notar que os dois dativos latinos referentes a cada um desses deuses (“para pai Líber” – *Libero patri*; “para Minerva” – *Mineruae*) são sempre seguidos de

²¹ VARRÃO, R. I, 2: *Quaedam enim pecudes culturae sunt inimicae ac ueneno, ut istae, quas dixisti, caprae. Eae enim omnia nouella sata carpando corrumpunt, non minimum uites atque oleas. Itaque propterea institutum diuersa de causa ut ex caprino genere ad alii dei aram hostia adduceretur, ad alii non sacrificaretur, cum ab eodem odio alter uidere nollet, alter etiam uidere pereuntem uellet. Sic factum ut Libero patri, repertori uitis, hirci immolarentur, proinde ut capite darent poenas; contra ut Mineruae caprini generis nihil immolarent propter oleam, quod eam quam laeserit fieri dicunt sterilem (...)* – grifos do autor do artigo.

²² MOISÉS, 2011, p. 224: “Termo pertencente à Retórica, o homeoteleuto consiste na correspondência fonética da terminação ou desinência (*similiter desinens/simile determinatione*) das derradeiras palavras das partes da oração ou dos versos. Registrado pela primeira vez por Aristóteles (*Retórica*, III, 9, 9), durante muito tempo foi considerado a matriz da rima”.

²³ *Alii* corresponde, no trecho transcrito, a uma forma rara de genitivo do pronome indefinido *alius*, *alia*, *aliud*, pois a morfologia esperada, nesse caso, seria *alius* (com “i” tônico). Ademais, como Minerva e Líber/Baco são dois deuses apenas, essa escolha lexical dista de normas gramaticais mais rígidas em latim, já que, para dizer “de uma... do outra”, nesse contexto, seria geralmente preferível a forma correlativa *alterius... alterius* (do pronome *alter*, *altera*, *alterum*). Curiosamente, na latinidade tardia, foram – ao contrário da peculiar preferência de Varrão, no contexto em pauta – as formas vinculadas a *alter* que acabaram por generalizar-se, inclusive para designar mais de dois seres. Cf. VÄÄNÄNEN, 1981, p. 127: “*Alius* est éliminé (à part un neutre *alid*, **ale* supposé par a. fr. prov. *al*, *el*) au profit de *alter* qui élargit son sens originel ‘l’un des deux’”.

expressões a gravitarem em torno de um mesmo verbo, *immolare* (“os bodes fossem imolados” – *hirci immolarentur*; “nada da espécie caprina imolasse” – *caprini generis nihil immolarent*), apesar de seu emprego ora com a desinência passiva (-*ntur*), ora com a ativa (-*nt*). Além disso, em ambos os casos se pospõem, no latim e no excerto traduzido, explicações para a imolação (ou não) dos caprinos, respectivamente, a Liber/Baco e a Minerva.

Por fim, o trecho compreendido entre *ut ex caprino genere... pereuntem uellet* contém estrutura de quiasmo na medida em que, das primeiras palavras que citamos a *non sacrificaretur* ocorre uma oração negativa depois de uma afirmativa. Mas, de *cum ab eodem* para *pereuntem uellet*, a ordem oracional, no tocante ao mesmo quesito da negação, surge invertida: ela se faz presente, nessa segunda ocorrência, através do próprio verbo *nollet* (= “não quisesse”/“não queria”).

Conclusão sucinta

Juntamente com as dificuldades que se apresentam ao tradutor devido ao caráter bastante especializado, do ponto de vista técnico-agrário, de obras como o *De agricultura* catoniano e o *De re rustica* de Varrão (o que acaba por refletir-se, sobretudo, na especial complexidade do léxico agrícola), os traços de dicção presentes nesses textos acabam-lhe solicitando esforços de acurado entendimento na leitura e, em alguma medida, “reprodução” de efeitos estilísticos na língua de chegada.

Dessa maneira, assim como ocorre com a prática tradutória de outros tipos de textos antigos, propor-se a transpor para idiomas modernos as obras técnicas, por exemplo, dos agrônomos romanos envolve cuidados que se ramificam não apenas na recuperação dos conteúdos, mas também naquela da forma, tornando a uma vulnerável dicotomia.²⁴ Não será, porém, algo que se faça sem descobertas, por parte daqueles atentos à riqueza linguística e aos variados saberes que tais obras encerram.

REFERÊNCIAS

ANDREAU, J. *L'économie du monde romain*. Paris: Ellipses, 2010.

ARMENDÁRIZ, J.-I. G. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla: Universidad de Cádiz/Universidad de Sevilla, 1995.

BERMAN, A. A “Eneida” de Klossowski. In: BERMAN, A. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Trad. M.-H. C. Torres, M. Furlan e A. Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, pp. 107-132.

CATÃO. *Da agricultura*. Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2016.

²⁴ Os recursos formais (figuras, repetições, ritmos...), afinal, são constituinte inseparáveis da significação de qualquer texto, como registra Henri Meschonnic (2010, p. 231), embora sobre outro tipo de tradução: “Os textos da *Bíblia*, e aqui há oportunidade, particularmente, de o dizer e redizer, são marcados por uma acentuação que é inseparavelmente uma cantilação, uma rítmica e uma organização do sentido. São os *te'amim*, de *ta'amam*, que designam ao mesmo tempo o sabor e o sentido, sentido do discurso, não das palavras – acentos disjuntivos e conjuntivos. Sendo a organização rítmica do discurso, eles têm tanta parte no sentido como o sentido das palavras”.

DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto: University of Toronto Press, 1996.

DE MEO, C. *Lingue technique del latino*. Bolonha: Pàtron, 1986.

ECO, U. Langues parfaites et couleurs imparfaites. In: ECO, U. *Dire presque la même chose: expériences de traduction*. Traduit de l'italien par Myriem Bouzaher. Paris: Grasset, 2006a, pp. 441-446.

ECO, U. Pertes et compensations. In: ECO, U. *Dire presque la même chose: expériences de traduction*. Traduit de l'italien par Myriem Bouzaher. Paris: Grasset, 2006b, pp. 118-174.

FUNARI, P. P. *Considerazioni sull'anfora e la terminologia latina dei vasi recipienti*. Santiago: Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, 2000.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris, Hachette, 1934.

GALE, M. Didactic epic. In: HARRISON, S. (org.). *A Companion to Latin literature*. Malden, MA/Oxford, England/Carlton, Victoria, Australia: Blackwell Publishing, 2005, pp. 101-115.

GOUJARD, R. Introduction. In: CATON. *De l'agriculture*. Texte établi, trad. et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975, p. VII-LIV.

HEURGON, J. "Introduction", in Varron. *Économie rurale – Livre I*. Texte établi et trad. par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. VII-LXXXV.

MARMORALE, E. *Cato Maior*. Bari: Laterza & Figli, 1949.

MESCHONNIC, H. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2011.

PALMER, L. R. *The Latin language*. Norman/London: University of Oklahoma Press, 1988.

RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

De SAINT-DENIS, E. Syntaxe du latin parlé dans les "Res rusticae" de Varron. *Revue de Philologie*, Paris, année et tome XXI, pp. 141-62, 1947.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

TILL, R. *La lingua di Catone*. Trad. di Cesidio De Meo. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1969.

TREVIZAM, M. Du comique ou de la dramaticité aux dialogues “champêtres” de Varron et de Cicéron? *Mosaïque: revue de jeunes chercheurs en SHS*, Lille Nord de France – Belgique, n. 9, pp. 93-107, juillet 2013.

TREVIZAM, M. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Unicamp, 2014.

UREÑA PRIETO, M.-H. *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo, 2001.

VÄÄNÄNEN, V. *Introduction au latin vulgaire*. Paris: Klincksieck, 1981.

VARRÃO. *Das coisas do campo*. trad., introd. e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2012.

VIRGIL. *Georgics: vol. I – books 1-2*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Data de envio: 02-02-2018

Data de aprovação: 26-06-2018

Data de publicação: 15-08-2018